

Faculdade Internacional de Teologia Reformada – FITREF

Curso de Bacharelado em Estudos Bíblicos – B.B.S.

BI 303 – Metodologia da Pesquisa Exegética – Prof. Rev. Dr. Tarcizio Carvalho

Aluno: SAULO XAVIER DE SOUZA – saulo@ipb.org.br

Atividade – AULA 16

O Contexto histórico geral e específico

Envie um arquivo DOC com as suas percepções de contexto obtidas de Bíblias de Estudo, de Comentários e de livros de Introdução ao Antigo Testamento com relação a Hc. 3.17-19

Contexto Histórico Geral e Específico

Ao contrário dos textos poéticos de Salmos, em que normalmente se comenta que não há contexto histórico exato, o conteúdo textual poético de Habacuque 3:17-19 apresenta uma contextualização histórica clara e diretamente relacionada com o período de dominação babilônica pelo qual passou o povo de Deus no Antigo Testamento.

Assim, Robertson (2011), na subseção de seu comentário bíblico que trata sobre o panorama histórico-redentor geral em torno dos livros proféticos de Naum, Sofonias e Habacuque, assevera que:

“(…) O profeta começa com uma reclamação severa por causa da violência que permeava o povo de Deus. Ele estava particularmente preocupado porque a Torá parecia impotente, o que significa que ele estava falando de violência entre o próprio povo de Deus (Hc 1.4) (…)” (ROBERTSON, 2011, p. 28).

Nesse contexto, o comentarista segue descrevendo o panorama histórico geral em torno desses livros, incluindo o de Habacuque, contextualizando o mesmo com base no próprio desenvolvimento do tempo de governo dos reis que haviam sido levantados àquela época para reger o povo de Deus. Isso é tanto que, para Robertson (2011),

“(…) ao analisar a evidência interna de Habacuque, que pode auxiliar no posicionamento do livro na história da redenção, é preciso comparar muitos fatores. O juízo sobre Judá cairia bastante cedo para ser visto pelos contemporâneos de Habacuque, visto que a palavra do Senhor diz que este juízo seria “em vossos dias” (1.5). É evidente que os babilônios de fato se fizeram presentes, o bastante para serem designados como “nação amarga e impetuosa, que marcha pela largura da terra” (1.6). (...) Nesse momento de maior crise de Israel, o profeta Habacuque declara essencialmente uma única mensagem: a pessoa de fé “... viverá” (Hc 2.4). Mesmo quando Judá se destinava a experimentar o último dos juízos de Deus, uma pessoa pecaminosa

pode ser “Justificada pela fé”, e dessa maneira ser aceita por Deus, a despeito de sua transgressão, bem como da nação, da lei pactual. Mesmo quando os impérios do mundo estão desabando por todos os lados, a pessoa de fé “viverá”. Ela sobreviverá e receberá as bênçãos pactuais; basta simplesmente continuar crendo, independentemente de quão sombrios sejam os eventos da história. Esta é uma mensagem que permanece sem levar em conta as épocas. Se sob tais circunstâncias as promessas pactuais de Deus permanecem verdadeiras para os que creem, a obra redentora de Deus jamais falhará (...)” (ROBERTSON, 2011, p. 28–29).

Dessa forma, concluindo suas considerações históricas gerais em torno desses livros proféticos em questão, Robertson (2011) acredita que o século sétimo anterior a Cristo foi um período marcante em termos de eventos em torno do povo de Deus e isso teve influência direta no ministério dos profetas do Senhor àquela época. Isso é tanto que, para esse comentarista,

“O século 7º a.C. foi na verdade um tempo de estampidos e estrondos das marchas das nações. Mas, aos olhos da fé, guiados pelas palavras dos profetas de Deus no Antigo Testamento, pode-se obter uma visão mais clara a respeito dos propósitos redentores de Deus à medida que eles se realizavam na história. A mensagem desses profetas continua falando com clareza reveladora ainda hoje” (ROBERTSON, 2011, p. 32).

Ainda se tratando de contextualização histórica geral em torno do texto de Habacuque, quando são consultadas bíblias de estudo acerca desse tema, a ESV traz, em separado, dados contextuais sobre o propósito, a ocasião e o contexto do livro e as seguintes informações sobre a data para os acontecimentos do livro, suas predições, etc.:

“The only hint of a date for this book is its prediction of the Babylonian invasion of Judah (1:6), but it is unclear how far into the future this event would be (see 2:2–3). The Babylonians do not appear to be an imminent threat when Habakkuk was writing, but he seems to be very aware of their potential threat, and thus Habakkuk’s time frame is probably not later than the end of Josiah’s reign (640–609 B.C.). Before Josiah, Judah had radically turned away from God under the leadership of the extremely wicked kings Manasseh and Amon, and the nation was ripe for punishment (2 Kings 23:26–27). Judah was morally and spiritually corrupt, worshiping Baal on the high places, offering its children to Molech, dedicating horses to the sun god, and allowing the temple to fall into ruin. Judah experienced a significant, though short-lived, time of revival during Josiah’s reign with the restoration of the temple and reinstitution of the Feast of Passover but returned quickly to its evil ways following his death. It was a politically turbulent time as well. Assyria had ruled Judah with a heavy hand for well over a hundred years, inflicting punishment and tribute; but Assyria was beginning to weaken, and soon Babylon would be the world power. Habakkuk probably lived to see the following events: the destruction of Nineveh by Babylon in 612 B.C.; the battle of Haran in 609 in which Josiah died as he tried to hinder the Egyptians from reaching the battle; the final defeat of the Assyrians at the Battle of Carchemish (605); and possibly the fulfillment

of his own prophecy of the Babylonian invasions of Judah in 605, 597, and 586” (ESV, 2011, p. 1719).

Por sua vez, sobre os dados específicos acerca do propósito do livro, bem como, sua ocasião, e contexto “*pano de fundo*”, a ESV (2011) comenta que:

“Habakkuk is unusual as a prophetic book in that it never addresses the people of Judah directly but rather is a dialogue between the prophet and God. The first two chapters are organized around Habakkuk’s prayers (or, more correctly, complaints) and the Lord’s replies. Habakkuk saw the rapid progress of Judah’s moral and spiritual deterioration and this deeply troubled him. Yet God’s response puzzled him even more, for “how could a good and just God use a more wicked nation to punish a less wicked one?” God makes it clear that both nations are to be judged and appropriately punished for their evil acts. Although Habakkuk may not fully understand, he has learned to rely totally on the wisdom and justice of God to bring about the proper resolution in ways he could never have imagined. This God is certainly worthy of Habakkuk’s praise and worship, which is how the book ends. The words of this prophet would surely have resonated with many of the righteous in Judah, who wondered what God was doing and struggled with the same issues that Habakkuk struggled with. God’s words reassured them that he was in control and would take appropriate measures to deal with the nations. This book continued to have relevance to its readers, as evidenced by a commentary on the first two chapters discovered among the Dead Sea Scrolls” (ESV, 2011, p. 1719–1720).

Ao se tomar por exemplo comparativo a realidade de Bíblias de Estudo no Brasil e se buscar para consulta exemplares como a Bíblia de Estudo de Genebra como referência para se encontrar mais informações sobre o contexto histórico geral em torno do livro de Habacuque, encontra-se uma estrutura tópica de conteúdos de estudo subdividida de uma forma tal que possui categorias que reúnem tais informações contextuais gerais em torno de livro tanto na subseção de “*Data e ocasião*” quanto na que trata sobre o “*Propósito e características*” do livro. Logo, no que diz respeito a dados históricos gerais em torno do texto profético de Habacuque, a Bíblia de Estudo de Genebra (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL-SBB, 2009) destaca, dentre outras coisas, que:

“A única evidência objetiva para datar a atividade profética de Habacuque é fornecida por 1.6. A referência aos babilônios (lit., “caldeus”) como o novo poder ameaçador do mundo indica um período anterior à subjugação de Judá pelos exércitos de Nabucodonosor. Essa ameaça virou realidade em 597 a.C., quando os babilônios tomaram Jerusalém e deportaram o jovem rei Joaquim para a Babilônia (2Rs 24.8-17) (...)” (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL SBB, 2009, p. 1177).

Além disso, essa bíblia ressalta que “(...) Habacuque viveu no período do reinado de Joaquim (608-598 a.C.) e foi um contemporâneo mais jovem de Jeremias (...)” e ainda que

“(…) Um acontecimento importante durante esse período foi a derrota do Faraó Neco e seu exército egípcio pelo príncipe Nabucodonosor da Babilônia em

Carquemis no ano de 605 a.C. Pouco tempo após a Babilônia ter obtido essa vitória sobre o Egito, Judá e vários outros reinos foram dominados pelos poderosos babilônios. Uma data entre 605 e 600 a.C. pode, portanto, ser uma suposição apropriada do período em que Habacuque teve a sua inspirada visão. Durante esse período, os babilônios se tornaram a força dominante no cenário internacional, eliminando impiedosamente qualquer oposição (1.5-17). O reinado perverso de Joaquim formou um triste contraste com o do seu pai, o bondoso rei Josias (veja Jr. 22.13-19, 25-26). Foi um período de deterioração espiritual no qual o povo da aliança foi perdendo progressivamente o seu caráter único (1.2-4)”(SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL SBB, 2009, p. 1177a).

Ainda sobre esse aspecto contextual histórico geral em torno do livro de Habacuque, que trata mais sobre sua data mais provável, por exemplo, outro autor, Campos Jr (2012), tece comentários similares aos encontrados nas bíblias de estudos, acrescentando informações didáticas e concluindo finalmente que, ao se assumir

“(…) que a data mais provável seja o reinado de Jeoaquim, ficará mais fácil entender o sentimento de frustração do profeta, sua expectativa de mudança, o anúncio de juízo divino iminente e sem volta, e, ao final, a postura confiante do profeta como lição para leitores que ainda passariam pelo sofrido período de tirania babilônica” (CAMPOS JR., 2012, p. 22).

Posto isso, vale ressaltar que Campos Jr (2012) sintetiza ainda, um panorama histórico de uma forma tal que o leitor pode perceber o enlace didático dos fatos que compuseram esse contexto “pano de fundo” do livro de Habacuque, como se nota a seguir:

“(…) O profeta Isaías já previra que a Babilônia tomaria riqueza e descendentes do rei Ezequias em decorrência de ter mostrado suas riquezas à comitiva babilônica com o provável intuito de fazer aliança política (2 Rs. 20.16-18). Contudo, o autor do Livro dos Reis afirma que foi por causa dos pecados do rei Manassés que Nabucodonozor subiu contra Judá (2 Rs. 24.1-4). (...)”

O longo reinado de Manassés de 55 anos proporcionou uma institucionalização de pecados que marcou mais de uma geração em Judá. Suas mudanças pós-arrepentimento foram, ao menos parcialmente, desfeitas pelo seu filho Amon durante o curto reinado de dois anos (640-642 a.C.). Judá caminhava a passos largos para a sua maior disciplina. Quando o piedoso rei Josias (640-609 a.C.) promove uma vasta reforma político-religiosa em Judá, vemos um grande reavivamento acontecer. O rei começa a buscar o Senhor ainda muito jovem e é impulsionado nessa busca com a descoberta do livro da Lei na casa do Senhor (2 Cr. 34.3-18). Josias limpa a idolatria do país, conduz o povo a renovar a aliança com Deus e celebra memorável Páscoa. O êxito de Josias coincide com uma fraqueza sem precedentes e a consequente queda do império assírio, até então a maior potência política mundial. Os ares eram favoráveis ao povo de Deus, provavelmente despertando esperanças de uma guinada no cenário político-militar. (...) Afinal, sua reforma não atingiu somente o Reino do Sul, de Judá, mas também o Reino do Norte, de Israel (2 Cr. 34.3-7). Esse período áureo da história de Judá foram os prováveis dias da juventude do profeta Habacuque. Sendo assim, há de se compreender que tendo Josias revertido situação tão adversa produzida por Manassés e Amon, é natural que Habacuque tivesse essa expectativa de mais uma vez enxergar os pecados de seus dias revertidos por reavivamento divino. Lamentar a partida desse rei tão importante na trajetória do reino de Judá tornou-se um costume na nação (2 Cr.

35.25) tal era o amor que povo tinha por esse reformador. Ele trouxera de volta a expectativa de uma Judá mais gloriosa. Entretanto, com a morte de Josias Judá ficou temporariamente sob o domínio egípcio e os reinados dos filhos de Josias (Jeoacaz, Jeoaquim, Zedequias) e do seu neto (Joaquim) foram a decadência final que culminou no cativeiro com a queda de Jerusalém em 587/586 a.C. Esse foi um período de transição não somente porque houve troca de poderio mundial, da Assíria para a Babilônia (isolando-se em poderio ao vencer o Egito na Batalha de Carquemis em 605 a.C.), mas também porque Deus cessou de demonstrar sua paciência para com o povo. O juízo era tão iminente que ele não mais conduziu os profetas em chamada ao arrependimento. O profeta Jeremias, contemporâneo de Habacuque, foi proibido de interceder pelo povo de Judá (Jr. 7.16; 11.14; 14.11-12). E nós sabemos que quando não há profecia, o povo se corrompe (Pv. 29.18). Habacuque viveu nesse período, provavelmente durante o reinado de Jeoaquim, em que a maldade se multiplicou em Judá; violência, ganância e idolatria são apenas alguns dos pecados que se agigantaram nesses dias (cf. Jr. 22). Essa é a razão do profeta Habacuque ter ficado tão pesaroso com a situação de Judá (Hc. 1.2-4) (...)” (CAMPOS JR., 2012, p. 23–25).

De volta à Bíblia de Estudo Genebra, na seção “*Propósito e características*”, encontram-se informações similares às expostas por Campos Jr (2012) que corroboram com a percepção do contexto histórico geral do livro de Habacuque, pois,

“Em muitos aspectos, Habacuque lembrava muito o seu contemporâneo Jeremias, pois, ele estava profundamente preocupado com a desobediência do povo de Deus e com as dificuldades que, num período muito breve, eles enfrentariam. A preocupação de Habacuque e mais demonstrada em diálogos com Deus, bem como, persistentes súplicas a ele (2.1-2; 3.2, 16), do que em pregação profética. O livro registra como o profeta mudou da profunda aflição e dúvida para a crença e a esperança por meio da oração a Deus. Habacuque, um homem com uma paixão ardente pela honra do seu sagrado Deus (1.12; 3.3), viveu uma profunda crise espiritual devido à aparente indiferença de Deus para com a terrível situação espiritual no meio do seu povo (1.2-4). A ausência de vida pactual e de obediência aos termos da aliança não era algo apenas perigoso para o povo de Deus, mas também, um insulto ao próprio Senhor da aliança e uma rejeição a ele. Uma vez que apenas a intervenção divina poderia reverter essa situação letal, Habacuque urgente e persistentemente (mas aparentemente em vão) clamou ao juiz celestial (1.2). Em resposta, o Senhor revelou que os babilônios, que estavam então aparecendo na cena da História (1.6), seriam usados como o seu instrumento de castigo. Essa cura parecia ainda pior do que a doença, e aumentou a aflição do profeta (1.5-17). Como poderia o santo Deus, para quem é impossível tolerar o que é errado (1.3-13), usar esse povo malvado para o cumprimento dos seus propósitos? Deus realmente mantém a diferença entre o bem e o mal no resultado da História? Convencido de que os acontecimentos da História não eram determinados pelo destino, mas pelo Deus vivo de Israel, Habacuque determinou-se a esperar esperançosamente pelo Senhor até receber uma resposta para as suas dolorosas perguntas (2.1). A resposta ou revelação subsequente do Senhor (lit., “visão”; veja 2.2-3) proporciona ao seu povo uma perspectiva verdadeira do resultado prometido da História. Ela não esclarece todas as questões dolorosas, mas, ensina o segredo da vida da aliança no aqui e agora da História (2.3-4); ou seja, perseverança, paciência e expectativa esperançosa em esperar o cumprimento da promessa infalível do Senhor. Apesar da inescrutabilidade dos seus meios, os propósitos de Deus são consistentes e culminarão em vida eterna para os fiéis e justos, mas resultarão em angústia e morte para os autossuficientes e arrogantes (2.4-19). A presença do Senhor no seu templo confirma o seu domínio sobre a História e fornece a garantia de que, no final, a sua legítima

reivindicação do mundo todo será reconhecida universalmente (2.14, 20; Is. 45.21-25; 1 Co. 15.28). (...)” (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL SBB, 2009, p. 1177–1178).

Finalmente, a despeito das dificuldades em torno da precisão sobre a data do livro de Habacuque e os aspectos complexos acerca de seu contexto histórico geral, escolhe-se retomar aqui uma contribuição de Robertson para encerrar esse momento de reflexões mais gerais para poder dar início aos momentos de exposições contextuais mais específicos à realidade do texto específico de Hc. 3:17-19. Segundo Robertson (2011),

“(…) como no caso de Naum e Sofonias, nada de concreto se conhece da vida do profeta Habacuque. Seu livro indica que ele era um profeta cujo coração intercedia pelo povo de Deus. Sua introdução “até quando?” revela que, por algum tempo, ele se pusera a rogar ao Senhor em favor dessa crise (Hc. 1.2). Não convence a sugestão de que Habacuque era um membro do coro do templo, ou um profeta cultural, com base no diálogo do capítulo 1 e assinatura a seu salmo no capítulo 3. Lendas o têm colocado na cova dos leões com Daniel, mas tal suposição não tem base nos fatos. Pela terceira vez, as Escrituras salientam que cada um desses profetas do século 7º funciona apenas como uma “voz”. Num tempo em que nações poderosas se digladiam, a resposta divina vem sob a forma de palavras de homens desconhecidos dentre as nações do mundo. Mais poderoso que o exército humano é a palavra profética de Deus (...)” (ROBERTSON, 2011, p. 57).

Diante desse momento transitório, ao se retomar a Bíblia de Estudo Genebra em sua seção sobre “*Propósito e características*”, no que diz respeito especificamente ao capítulo 3º de Habacuque, incluindo o trecho entre os versículos 17 a 19, encontramos registrado que

“A revelação da orientação intencional da História pelo Senhor transformou a queixa de Habacuque num hino de oração, louvor e alegria (3.2-20). Em vez de aguardar passivamente pela intervenção divina, ele começou a orar positivamente para que o Senhor agisse novamente de acordo com seus poderosos feitos e com suas qualidades, como demonstrados no êxodo e no Sinai. Na sua oração, o futuro se moveu para o presente. Com antecipação, ele celebrou a vinda do Senhor (3.3-7) e o seu conflito (3.8-12) e triunfo sobre toda oposição na natureza e na História (3.13-15). **Nada, nem mesmo a possibilidade das mais severas calamidades, poderia diminuir a alegria de Habacuque na expectativa da salvação que estava por vir, garantida pela fidelidade do Senhor para com ele mesmo e sua revelação (3.17-19)**” (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL SBB, 2009, p. 1178) – grifos nossos.

Da mesma forma, em termos contextuais específicos a esse trecho de Habacuque referente à perícopa que abrange os versículos em análise nesse estudo exegético, a Bíblia de Estudo em Inglês ESV traz a seguinte contribuição:

“3:1-19b *Habakkuk’s Prayer*. Habakkuk asks for a new demonstration of God’s wrath and mercy, such as God demonstrated so powerfully in the past, and closes with a confession of faith and trust in God. This prayer uses terms similar to the Psalms of Trust (compare vv. 1, 3, 9, 13, 19 with Psalms 17; 90)”(ESV, 2011, p. 1725).

Ao se retomar Campos Jr (2012), traz-se a seguinte contribuição contextual mais específica sobre Habacuque em relação ao formato do texto distribuído ao longo do livro:

“O fato do livro de Habacuque ser um diálogo entre Deus e o profeta ajuda a criar um ambiente bem pessoal, repleto de franqueza quanto a dilemas existenciais, com o qual podemos nos identificar. O profeta encarna algumas das nossas crises mais profundas quanto ao sofrimento ao nosso redor. Ele pergunta coisas a Deus que alguns crentes teriam vontade de fazê-lo, mas temem pecar. Porém, ele também recebe palavras vindas de Deus que o transformam a tal ponto que despertam uma confiança inabalável. Habacuque termina o seu livro expressando essa confiança com palavras que estão entre as mais queridas e amadas de todo o Antigo Testamento” (CAMPOS JR., 2012, p. 26–27).

Nesse contexto, retoma-se Robertson, que, sobre o contexto histórico específico de Habacuque, afirma:

“A data precisa da profecia de Habacuque se apoia na interpretação dada na progressão do argumento do livro. A queixa que abre o livro encontra solução em seu final. O diálogo entre Deus e o profeta preserva unicamente uma série de queixas perturbadas de um servo do Senhor. As respostas amáveis do Senhor conduzem Habacuque a uma extensão mais plena de sua fé” (ROBERTSON, 2011, p. 53).

Todo o exposto até aqui pode levar à apreensão de que Habacuque tem um lugar histórico coerente tanto em termos gerais quanto específicos no plano revelacional de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS JR., H. C. DE. **Triunfo da Fé: lidando com o problema do mal - um estudo em Habacuque.** 1ª ed. São José dos Campos-SP: Editora FIEL, 2012.

ESV, E. S. V. **The ESV Study Bible. ESV Bible.** Wheaton, Illinois - USA: CROSSWAY Publishing, 2011.

ROBERTSON, P. **Comentários do Antigo Testamento - Naum, Habacuque e Sofonias. traduzido por Neuza Batista da Silva.** São Paulo-SP: Editora Cultura Cristã, 2011.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL SBB. **Bíblia de Estudo de Genebra.** 2ª Ed. ed. São Paulo/Barueri-SP: Cultura Cristã & SBB, 2009.